

# VIVÊNCIAS E DESAFIOS DA MATERNIDADE NA GRADUAÇÃO: POR ALUNAS DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Eloá Cristina Arruda Martins<sup>1</sup>  
Maria Elane de Carvalho Guerra<sup>2</sup>

## RESUMO

Ser mãe e cursar uma graduação é extremamente difícil devido às inúmeras responsabilidades que o ser mulher impõe. As políticas de permanência voltadas para esse grupo ainda são ineficazes em atender a grande demanda. Esse trabalho objetivou compreender os desafios que universitárias que engravidaram no período de 2015 a 2021 enfrentam durante uma graduação pública de um curso de Ciências Biológicas. A pesquisa foi feita usando a metodologia Entrevista Narrativa. A entrevista foi feita virtualmente por chamada de vídeo com aproximadamente 30 minutos. Foram entrevistadas 3 mulheres que engravidaram durante a graduação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual do Ceará no período de 2015 a 2021. Após, foram realizadas análises textuais com base na fala das entrevistadas, identificando passagens indexadas e não indexadas, passagens narrativas, explicativas e argumentativas e, após isso, uma comparação entre as falas das entrevistadas. O curso de Ciências Biológicas tem 5 alunas que têm filhos; percebe-se como a mulher é sobrecarregada e precisa se desdobrar para alcançar seus objetivos; as alunas têm consciência que precisam ir em um ritmo mais devagar para conseguir conciliar a rotina atual e, com isso, demoram mais para concluir a graduação, fazendo poucas disciplinas por semestre e contando com rede de apoio, desse modo, conseguem manter suas notas e participar de laboratórios de pesquisa.

**Palavras-chave:** Licenciatura em ciências biológicas, Maternidade no ensino superior, Formação de professores.

## INTRODUÇÃO

Apesar das mulheres serem a maior parte dos alunos em universidades (BRASIL, 2019), esse público enfrenta muito mais desafios para permanecer na carreira acadêmica. A gravidez é um deles. Uma pesquisa do Ministério da Educação, em conjunto com a Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura e a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, mostrou que a evasão escolar motivada por uma gestação atinge cerca de 18,1 das mulheres entre 18 e 29 anos, contra 1,3 dos homens (ZINET, 2016).

---

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Ciências Biológicas Licenciatura da Universidade Estadual – CE, eloa.martins@aluno.uece.br;

<sup>2</sup> Professora orientadora: doutora, Ciências Biológicas - CE, elane.guerra@uece.br;

Descobrir uma gestação durante a graduação gera medo e incerteza, além de um sentimento de impotência. Isso se deve à sobrecarga física e mental que cai sobre as mulheres durante esse período e em toda a maternidade, soma-se a isso a falta de apoio da universidade, como auxílio creche ou espaço para deixar os filhos durante as aulas.

No Brasil, a lei que ampara a estudante gestante é a Lei Federal nº. 6.202, de abril de 1975 (BRASIL, 1975), que atribui à estudante em estado gravídico o regime de exercícios domiciliares instituídos pelo Decreto nº 1.044, de 21 de outubro de 1969. De acordo com esta lei fica garantido à estudante gestante, a partir do 8º mês de gestação e durante três meses, prazo que pode ser estendido mediante atestado médico, o direito de realizar as atividades escolares em casa, com auxílio da própria instituição de ensino, seja no ensino básico ou no ensino superior. Mesmo essa legislação existindo há mais de 40 anos, muitas estudantes a desconhecem e a omissão por parte de algumas Instituições de Ensino Superior (IES) tem gerado consequências negativas, como o trancamento de matrícula e até mesmo a evasão universitária (TABAK, 2002).

Vivenciei esse desafio. Quando descobri a gravidez, não estava com o pai da criança e morava com meus pais que são religiosos e só esperavam que eu engravidasse depois de casada. Com medo da reação, só fui contar aos 3 meses de gestação, quando também comecei o pré-natal, eles ficaram muito decepcionados, mas mostraram apoio. Quanto ao pai, ele disse que assumiria a criança, paga pensão e a vê duas ou três vezes no mês. Quanto à faculdade, eu era bolsista de extensão e estava imersa nas atividades acadêmicas, tinha que lidar com provas, trabalhos e consultas de pré-natal, mas não precisei abandonar meus estudos, pois, tão logo descobri que estava grávida, procurei me informar sobre a legislação que ampara a estudante gestante, além de ter tido apoio da minha família.

Ao 8º mês de gestação, dei entrada com o pedido de licença maternidade. Dessa forma, concluí o semestre em casa fazendo trabalhos passados pelos professores.

Em outubro de 2018, minha filha nasceu e mudou minha vida completamente. Quando consegui voltar a universidade, precisei leva-la comigo pra aula. Período extremamente cansativo, ia de ônibus e fazia uma disciplina, o que atrasou mais a conclusão do meu curso.

Em 2020, ocorreu a transição para o ensino remoto, consegui fazer mais disciplinas e andar com a conclusão do meu curso. Porém também havia dificuldades, alguns dias eram mais desafiadores que outros; ao mesmo tempo que eu assistia a aula, fazia comida pra Alice, brincava com ela e colocava pra dormir. Ela costumava dormir a tarde e, quando havia trabalho pra apresentar, ficava preocupada que ela acordasse bem na minha vez de apresentar.

Dessa forma, minha experiência, como mãe e universitária, motivou-me para a escolha desse tema. Uma vivência repleta de desafios, sendo mãe de uma criança de 3 anos e que enfrenta muitas dificuldades para conciliar os estudos e a maternidade. Vários questionamentos surgiram ao longo desses anos: que tipo de dificuldades as mães enfrentam na sua graduação? Sentiram-se amparadas pela família? Conheciam a legislação que ampara a estudante gestante?

Diante desse contexto, o objetivo desse trabalho é compreender os desafios que as estudantes mães enfrentam durante a graduação do curso de Ciências Biológicas do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará – CCB/CCS/UECE.

Essa pesquisa se reveste de importância, pois buscará ampliar a discussão sobre a dificuldade que as mulheres que são mães enfrentam durante a vida acadêmica e também apresenta relevância social e cultural, visto que as mulheres representam boa parte da sociedade e seriam beneficiadas com a discussão desse assunto

Freires e Araújo (2022) falam sobre como é importante que a mulher tenha informações baseadas na ciência sobre essa fase que estão passando. “Durante o ciclo gravídico-puerperal, problemas como despreparo para o parto natural, dificuldades na amamentação, depressão, dentre outros, poderiam ser evitados, caso essas mulheres tivessem acesso a um conhecimento adequado” (FREIRES; ARAÚJO, 2022, p. 87).

Com informação, a mulher se sente mais segura para tomar as melhores decisões para ela e para seu bebê, ignorando crenças populares e recusando práticas e orientações ultrapassadas. Para além das consultas de pré-natal, grupo de gestantes contribuem para o empoderamento da mulher. Em estudo realizado por Freires e Araújo (2022) com 8 mulheres, 100% delas afirmaram que o grupo de gestantes beneficiará a ela e ao bebê e ajudará a diminuir possíveis problemas na gestação, no parto e no puerpério.

A mulher gestante também tem direitos, como ter pelo menos 6 consultas de pré-natal pelo Sistema Único de Saúde. Para as que são estudantes, existe a Lei 6.202/75 (BRASIL, 1975).

Uma importante conquista para as estudantes foi instituída em 1975. O Decreto-Lei 1.044/69, criado para o caso de pessoas doentes que precisavam se ausentar por um longo período da escola, estendeu às estudantes grávidas do ensino básico e às de ensino superior o direito de estudar em regime domiciliar. A Lei 6.202/75 (BRASIL, 1975) trata que, a partir do 8º mês e durante três meses, a estudante poderá estudar, fazer provas e trabalhos em casa. O início e o fim do afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola. Em casos excepcionais e devidamente comprovados mediante atestado, o tempo de repouso poderá ser aumentado antes e depois do parto.

Em março de 2018, a Câmara dos deputados aprovou o Projeto de Lei 2350/15 (BRASIL, 2015) de autoria do então deputado Jean Wyllys, que altera o período de licença de 3 para 6 meses e agora aguarda aprovação do Senado. “Vitória das mulheres! A Câmara acaba de aprovar, por unanimidade, o PL 2350/15, de minha autoria, que garante às estudantes grávidas o direito a continuar seus cursos sem sacrificar a presença e os cuidados desde o 8º mês de gestação até o 6º mês de vida do bebê” (WYLLYS, 2018).

Para Urpia e Sampaio (2011), a estudante que se torna mãe durante a graduação enfrenta uma série de dificuldades no processo de conciliar maternidade e vida acadêmica. Quando iniciam a graduação, percebem-se num universo de provas, seminários, artigos, grupos de estudo e iniciação científica, atividades que não ficam apenas em sala de aula, mas que sim, levam para dentro de casa. Para as que são mães, essas atividades competem com as obrigações da maternidade que envolvem amamentar, dar banho, brincar, passear, entre tantas outras coisas, ficando assim em segundo plano.

Em uma sociedade em que os cuidados e as demandas de um filho caem em sua maioria sob responsabilidade da mãe, políticas de incentivo e permanência destinadas a esse grupo são um alívio em meio ao caos. “A mulher, especialmente nos primeiros anos de vida da criança, é considerada a principal responsável por seu cuidado” (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 37), o que fica claro ao perceber a discrepância entre os períodos de licença paternidade e maternidade, estabelecidos.

A crescente inserção feminina na educação superior e no mercado de trabalho nas últimas décadas colabora para reforçar alguns dilemas, que ainda comprometem a construção da equidade de gênero no que toca as condições sociais, culturais e econômicas para as mulheres estudarem, trabalharem, cuidarem da família e cuidarem-se. (BITENCOURT, 2017, p. 261).

Os desafios começam na gravidez quando a mulher tem que lidar com sintomas nada agradáveis, como enjoos, cansaço e sono constante. Outro fator são as consultas de pré-natal, que podem coincidir com o horário das aulas. Percebe-se que a aluna gestante está em desvantagem em relação aos demais alunos, o que implicará em um esforço a mais da parte dela para conseguir acompanhar os estudos.

Para Aquino, uma ampla incorporação das mulheres às universidades e à ciência, sem que haja mudanças culturais profundas no âmbito acadêmico como em toda a vida social, acaba por colocá-las em situação de grande desvantagem, como revela a investigação realizada

por Goulden e Manson, que analisava os efeitos de ter bebês ao longo da carreira acadêmica para homens e mulheres da Universidade da Califórnia, Berkeley (SAMPAIO, 2009, p. 31 *apud* AQUINO, 2016).

Nesse contexto, faz toda a diferença o apoio da família, que pode ser decisivo na permanência da mãe estudante na universidade. "As famílias também são tomadas de surpresa e buscam, apesar do sofrimento diante da situação, encontrar "saídas", apoiando a jovem que também vive um momento difícil" (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 34).

Depois do nascimento do bebê, a mulher está no puerpério, fase pós-parto em que passa por mudanças físicas e emocionais. "A puérpera se vê envolta por uma série de mudanças impostas pela gravidez e nascimento necessitando de adaptação e instrumentalização para desenvolver o papel da maternidade" (STRAPASSON; NEBEL, 2010, p. 524). Para além das preocupações e dos cuidados que o novo ser exige, há as dúvidas e os questionamentos com os estudos. As recém-mães começam a se dar conta que não são mais prioridade e que terão que se adaptar de acordo com as necessidades do bebê e com a disponibilidade de possíveis cuidadores para retornar à mesma rotina de antes.

Para aquelas que são casadas e têm uma estrutura familiar estável, também há dificuldades.

A entrada das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho necessariamente não as tem desobrigado do cuidado com a casa e dos filhos, pois ainda se mantém, entre os casais, a tradicional divisão sexual do trabalho, ainda que sejam observadas algumas mudanças, especialmente entre os mais jovens. Por esses motivos, muitas delas preferem optar por jornadas parciais, flexibilização de horários e frequentes interrupções na vida profissional e/ou acadêmica. (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 31).

O feminismo traz pautas que ressaltam a importância da maternagem como caminho para a construção de uma sociedade sem sexismo, ao criar e educar crianças livres de pensamentos que tratam as mulheres como principais responsáveis por determinadas atividades. Bell Hooks (2019), em seus textos, trata sobre essa questão.

Uma das intervenções mais positivas do movimento feminista em nome das crianças foi criar uma maior conscientização cultural da necessidade de participação igual dos homens na criação, não somente para construir equidade de gênero, mas também para estabelecer melhores relacionamentos com as crianças. (HOOKS, 2019, p. 113).

Já no retorno às aulas, a falta de políticas de permanência como creche universitária ou até mesmo auxílio creche tornam esse processo bem mais difícil. As alunas recorrem à ajuda de familiares, que muitas vezes é a avó da criança, ou levam para a universidade. De acordo com a última Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (os) feita em 2018, 60.7% das alunas deixam o filho com familiares, 7.9% levam para a universidade, enquanto que apenas 1.1% deixam o filho em creche da própria universidade. Observando esses números percebe-se que a grande maioria depende da disponibilidade de familiares, solução bem mais instável do que o suporte institucional.

Também chama a atenção o número de alunas que utilizam creche universitária. Urpia e Sampaio (2009) falam da importância das creches universitárias “um espaço de importância fundamental na vida dessas mulheres e crianças, dando suporte estrutural e, inúmeras vezes, emocional para essas jovens mães, tendo esses espaços ainda pouca visibilidade nas instituições de ensino superior” (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 39).

Sobre o funcionamento e a estrutura dessas unidades, Urpia e Sampaio (2009) relatam que é um serviço com muitas fragilidades e que enfrentam grandes questões no seu cotidiano, como espaços pouco adaptados às necessidades infantis, falta de equipamentos e demora na resolução de problemas.

Tais empecilhos levam muitas alunas a evadirem da Universidade (ZINET, 2016). Considerando que 11.4% dos discentes matriculados em universidades federais são mães e pais (ANDIFES, 2018), é essencial que as IES tomem medidas que tornem o ambiente acadêmico mais acolhedor e que equiparem as oportunidades especialmente para as mães, tendo em vista as particularidades da maternidade na vida da mulher.

Em 2010, foi criado o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), por meio do Decreto 7.234 de 2010 (BRASIL, 2010). Administrado pelo Ministério da Educação, o programa tem como objetivo ampliar as condições de permanência de estudantes com vulnerabilidade socioeconômica.

O auxílio creche é uma das ações previstas no PNAES que atua como forma de atenuar a evasão, visto que as estudantes poderão ir à aula sem se preocupar em onde deixar a criança, porém os recursos destinados ao programa são insuficientes e não conseguem atender a grande demanda. Urpia e Sampaio (2009) falam “da creche como importante espaço de assistência, um espaço que precisa ser cuidado para que possa, de fato, ser efetivo no cuidado ao outro” (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 39).

Outra política de permanência são as creches universitárias que ficam localizadas dentro das Universidades. Além do apoio e do serviço prestado à estudante, as unidades também

servem como campo de estágio e projeto de extensão para alunas de cursos de Pedagogia e Serviço Social.

As creches universitárias foram impulsionadas pelo movimento feminista da década de 1970, que lutava por creches que atendessem trabalhadoras com filhos em idade de amamentação. Também chamadas de Unidade de Educação Infantil, a primeira creche universitária foi inaugurada em 1972, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RAUPP, 2004).

Acontece que esse serviço ainda não está presente em todas as Universidades, como é o caso da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que também não conta com auxílio creche. Em 2018, a UECE abriu inscrições para a seleção de alunas para o preenchimento de vagas em um Centro de Educação Infantil, que ficava a 2 km da Universidade, desde então não foram abertas mais inscrições.

## **METODOLOGIA**

O público alvo dessa pesquisa foram mulheres que engravidaram durante a graduação do curso de Ciências Biológicas licenciatura entre 2015 e 2021. Esse período engloba parte da graduação da autora deste trabalho. Foram entrevistadas 3 mulheres, 2 que ainda estão na graduação e uma já graduada.

O contato com as entrevistadas foi feito pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. A coordenação de Ciências Biológicas foi consultada para saber quantas alunas pediram licença maternidade nesse período, para ter acesso a esse dado e para saber de outras possíveis alunas que a autora deste trabalho não tivesse conhecimento.

A coleta de dados foi feita por meio de Entrevista Narrativa - EN (SCHUTZE, 2013). Essa metodologia coloca a entrevistada como protagonista e à vontade para narrar sua história baseada nos eixos temáticos previamente propostos.

As entrevistas ocorreram virtualmente em horários distintos e deu-se partida com a seguinte pergunta: como foi o processo de descoberta da gravidez até aqui e como a maternidade influenciou sua jornada acadêmica? A partir daí a entrevistada conta sua experiência, revivendo antigos sentimentos e trazendo reflexões.

As entrevistas foram gravadas com outro celular, com permissão das entrevistadas e após isso, transcritas.

As narrativas se estruturaram em 03 eixos: 1. Processo de descoberta e assimilação da gravidez; 2. Desafios de conciliar maternidade e Universidade; 3. Desempenho acadêmico após a maternidade.

## Processo de análise dos dados

Foi feita baseada na obra de Sousa *et al.* (2021), que trouxe um percurso metodológico detalhado baseado na obra de Fritz Schutze (2013) e no artigo produzido por Moura e Nacarato (2017) e foi organizada da seguinte forma: identificando os elementos indexados e não indexados, realizando a análise formal do texto, análise da entrevista textualizada e a comparação contrastiva considerando os 3 eixos da pesquisa. As entrevistadas foram identificadas como A.M. 1, A.M. 2 Ee A.M. 3. A.M significa aluna mãe.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Análise da entrevista da participante A.M 1

**Quadro 1** – Dados da entrevista Narrativa da aluna A.M 1

<b>Elementos indexados</b> (Quem fez, O que, Quando, Onde, Por que?)	<b>Elementos não-indexados</b> (Valores, Juízos)
A.M 1 é aluna de Ciências Biológicas e tem interesse em Ecologia e Ornitologia. É uma aluna muito dedicada e cumpre suas atividades muito bem. É mãe solo da I. de 3 anos de idade, a qual nasceu de parto domiciliar. Desde criança fala que queria ser bióloga.	<ul style="list-style-type: none"><li>- Para A.M 1, a Universidade não é lugar para mães, principalmente, mães solas, por isso se esforça para ter boas notas e entregar um bom desempenho acadêmico. Acredita que a maternidade a deixou mais focada e busca ocupar os espaços sem usar o fato de ser mãe como vitimismo ou como desculpas. Que procura achar um equilíbrio para falar sobre essa questão com professores e alunos sem parecer vítima daquela situação que ela escolheu estar.</li><li>- Foi difícil de aceitar que estava grávida, pois, além de estar em um relacionamento abusivo, foi de encontro aos seus valores de ter um filho somente por volta dos 35 anos quando sua vida já estivesse bem estabelecida e tivesse boas condições de criar uma criança. Foi um processo longo e que até hoje precisa conciliar. Ao mesmo tempo que existe esse conflito, existe a felicidade de ter a filha</li><li>- Na volta do ensino presencial, se sentiu insegura na Universidade por ver pessoas bem mais jovens e ter amigos que já estão no mestrado ou no doutorado ou no mercado de trabalho; sensação que foi embora logo após se encontrar ali novamente.</li><li>- Aponta que as aulas remotas foram uma loucura, pois não tinha rede de apoio e ao mesmo tempo que cozinhava e dava o almoço de sua filha, assistia às aulas. Que olha</li></ul>



	<p>para trás e se pergunta como aguentou passar por tudo isso.</p> <p>- Atualmente, sua filha fica na creche em período integral e conta com seus pais como rede de apoio. Conta que a logística com sua filha e a universidade está equilibrada e agora suas questões são mais psicológicas e emocionais por ter alguns conflitos com sua mãe.</p>
--	---

O artigo de Sousa *et al.* (2021) trás um paralelo interessante do ponto de vista de professoras que também são mães, sobre as atividades remotas. Nos relatos, percebe-se como a mulher precisa dar conta de várias coisas ao mesmo tempo e simplesmente não há opção de ser diferente.

A seguir, a análise formal da entrevista da aluna A.M. 1

**Quadro 2 - Análise formal da entrevista narrativa**

Textualização da entrevista da aluna Ana		
<b>Esquema comunicativo do texto</b>	<i>Esquema comunicativo argumentativo</i>	<u>Esquema comunicativo explicativo</u>
		<p>(...) <b>Sempre fui muito prática, desde a gravidez eu sabia que não ia ta com ele (ex companheiro) e ia ser mãe solo, coloquei isso na minha cabeça, vou ser mãe solo. Eu que vou tomar as rédeas, eu que eu vou ter as responsabilidades na frente de tudo, porque ele é uma pessoa que assim... não quero falar dele. Mas assim, eu percebi que eu ia estar nesse lugar de responsabilidade como qualquer mulher, so que eu muito mais (...).</b></p> <p>(...) <b>Eu consegui voltar pra UECE, um dia antes, já tinha aula, as aulas já tavam acontecendo. Me matriculei em bio mol e sistemática e foi muito bom, não achei ruim, foi uma coisa pra eu me ocupar alem da maternidade porque eu estava integralmente com a minha filha, não fazia nada alem disso (...).</b></p> <p>(...) <i>Então eu sabia o que eu queria estudar, mas não sabia o que eu queria fazer dentro da biologia. Então a minha vivência na Chapada diamantina me levou pra ecologia e pra ornitologia, então me descobri dentro da Universidade, então eu consigo focar(...).</i></p> <p>(...) <b>Muita coisa pra fazer paralelo a Universidade, aí quando eu voltei pra cá (Fortaleza) tava um pouquinho mais de boa e foi a primeira vez que ela foi pra creche e essa transição de Isadora na creche longe de mim e ela é acostumada a ta comigo todo dia. Então pra ela foi bom porque ela gosta da escola, mas ela também estranhava. Eu deixando ela na creche e assistindo aula (...)</b> (...) <b>na época do desmame, foi no final do semestre de 2020 e todos os trabalhos atrasados e ainda consegui passar com uma nota excelente. Eu tava focada, o que deixa minha cabeça no lugar é faculdade e academia, se não fosse isso eu nem sei como eu ia ta. Tem dia q eu chego na UECE e só tá o corpo (...).</b></p>

Em configurações familiares onde a mulher é a única responsável pela

sua família, a lógica da estrutura e do funcionamento familiar é baseada na não-biparentalidade e atravessada por questões de gênero. O papel da mulher chefe de família é posto à prova no âmbito público e privado, uma vez que ela precisa dar conta das responsabilidades que lhe são impostas e provar à sociedade (que nem sempre lhe favorece) que é capaz de arcar com tudo sozinha. (VERZA; SATTLER; STREY, 2015, p. 48).

A seguir, a análise da entrevista textualidade da participante A.M 1.

### **Análise da entrevista textualizada**

**Quadro 3 - Análise da entrevista textualizada**

<p>(..) no São João de 2018 eu descobri que tava grávida, eu já tava bem mal psicologicamente e o negócio piorou. Então foi um trimestre, primeiro trimestre da gravidez foi muito ruim, eu tive vários surtos tive muita raiva, eu não queria, demorei pra aceitar, então foi um processo bem demorado, até hoje é um processo que eu tenho, é um sentimento que tenho que conciliar. Ao mesmo tempo que existe a rejeição, existe a felicidade de ter a filha. (...)</p> <p>(..) Eu queria ter a Uece de volta, aí eu voltei sendo mãe e foi uma loucura. Eu fazendo comida, dando o almoço dela e assistindo aula. Eu fazendo faxina na casa e apresentando trabalho tudo ao vivo.(...)</p> <p>(...) Meu desempenho não diminuiu. Não sei se acontece contigo mas a maternidade deixa a gente muito focada porque como é um trabalho muito intenso, diário que você observa o que é realmente importante no dia a dia, você consegue dar muita atenção de qualidade pras coisas que você faz. Então eu to conseguindo dar atenção pras coisas da Universidade do que quando eu entrei.(...)</p>	<div data-bbox="948 786 1337 931" style="border: 1px solid black; background-color: #d3d3d3; padding: 5px; text-align: center;">Processo de descoberta da gravidez</div> <div data-bbox="948 1088 1337 1234" style="border: 1px solid black; background-color: #d3d3d3; padding: 5px; text-align: center;">Dificuldades no período de aulas remotas</div> <div data-bbox="948 1335 1337 1480" style="border: 1px solid black; background-color: #d3d3d3; padding: 5px; text-align: center;">Desempenho na Universidade</div>
--	--

A análise no quadro 3 foi realizada a partir da fala da aluna A.M 1. Conforme a proposta de Moura e Nacarato (2017), foi destacada a relação entre a fala da entrevistada e a pergunta inicial da pesquisa, além de outros questionamentos trazidos nesse trabalho.

### **Análise da entrevista da participante A.M 2**

**Quadro 4** – Elementos indexados e não indexados da participante A.M 2

<p><b>Elementos indexados</b> (Quem fez, O quê, Quando, Onde, Por quê?)</p>	<p><b>Elementos não-indexados</b> (Valores, juízos)</p>
<p>A.M 2 se formou em Ciências Biológicas em 2021 e está fazendo especialização em biologia marinha. Teve dois filhos dentro da sua formação, uma menina do seu relacionamento anterior e um menino com seu atual companheiro, no período da pandemia de Covid-19. É professora e também empreendedora. Seus dois filhos foram planejados.</p>	<p>A.M 2 não sofreu preconceito por parte dos alunos e professores da Universidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conta que sua experiência foi tranquila, apesar de tudo teve muita ajuda, teve professores compreensivos.</li> <li>- Foi complicado quando estava escrevendo sua monografia, pois tinha um recém-nascido e uma criança pequena para cuidar.</li> <li>- Conta que tinha muita fé que ia conseguir concluir e que a ideia de ter o diploma na mão, a fez não desistir.</li> </ul>

Nota-se com frequência uma fala de otimismo entre as entrevistadas, uma autoconfiança de que, apesar das dificuldades, vão alcançar seus objetivos. Em seguida, a análise formal da participante A.M 2.

**Quadro 5** – Análise formal do texto

Textualização da entrevista da participante A.M 2		
<p><b>Esquema comunicativo do texto</b></p>	<p><i>Esquema comunicativo argumentativo</i></p>	<p><u>Esquema explicativo do texto</u></p>
<p><b>Eu comecei uma especialização, não tranquei, mas deixei lá. Eu sempre converso com a coordenadora sobre a minha especialização que é muito complicado, eu tenho dois filhos, não consigo estudar e me concentrar (...)</b> Apesar de tudo, eu considero que a <b>minha experiência foi muito tranquila, não sofri preconceito, na verdade recebi muita ajuda. Sempre tive muita sorte com professor e eu acho que eu tive mais sorte ainda porque eu tava no final do meu curso pelo menos na gravidez do J. (...).</b></p>		

Urpia e Sampaio (2009) falam sobre as frequentes interrupções na carreira que as mulheres têm que fazer para cuidar dos filhos.

O problema é que a interrupção temporária da carreira para o cuidado de filhos pequenos, significa uma desaceleração das atividades, e o retorno, em geral, acontece com dificuldades, seja quando a mulher se encontra na condição de profissional ou na condição de estudante universitária. (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 34).

Em seguida, a análise textualizada participante A.M 2

**Quadro 6** - Análise da entrevista textualizada

<p>(...) Eu tive dois filhos dentro da minha formação na biologia. Eu morava com o pai da minha primeira filha. A minha primeira gravidez foi planejada. Na minha experiencia foi até tranquilo porque não foi uma surpresa e em relação a faculdade porque eu tinha eu tinha o apoio dele então não foi uma coisa que eu fiquei preocupada (...)</p> <p>(...) Agora assim, a minha gravidez na faculdade em si, ir pras aulas foi muito difícil porque eu não consegui botar muitas cadeiras, trancava porque não conseguia acompanhar, tinha consultas, ficava cansada e era assim. Aí na minha segunda gravidez foi na pandemia, foi planejada. Fiquei grávida aí começou a pandemia e assim dessa forma foi bem mais tranquilo, porque foi tudo online, as aulas foram online. Apesar de Eu não ter os obstáculos que eu tive na primeira gravidez, de ter que ir na uece de deixar o bebê com alguém ou então de não poder ir, teve obstáculos porque a gente ta em casa, a gente tem que olhar a criança ne. Na minha segunda gravidez, eu já tinha a D. ela era menorzinha então eu tinha que conciliar, tinha que fazer tudo, tinha que olhar ela e depois quando o J. nasceu, foi mais complicado ainda porque era um recém-nascido, e tinha que escrever a monografia aí também assim, eu tinha fé porque eu sabia que eu ia receber o meu diploma, eu terminando aquilo ali, era diploma na mão, então não vou desistir ne. Foi sangue no olho, mas aí eu consegui. Eu escrevi minha monografia e olhando um recém-nascido e na minha defesa o pai dele que tava com o J. e assistindo.</p> <p>(...) Acho que minhas notas não diminuíram depois que virei mãe porque eu botava pouquíssimas cadeiras. Eu sabia que se eu fosse no mesmo ritmo, eu não ia conseguir, eu ia botar muita cadeira so pra reprovar, pra tirar nota baixa, pra pirar. Porque você botar muita cadeira sabendo que vai reprovar, é loucura(...).</p>	<p>Processo de descoberta da gravidez</p> <p>Desafios de conciliar maternidade e Universidade</p> <p>Desempenho acadêmico</p>
---	---

A..M 2 que não se preocupou com seu futuro ao descobrir que estava grávida e conta das dificuldades de lidar com a gestação sendo uma estudante.

### 5.3 Análise da entrevista da participante A.M 3

**Quadro 7** - Elementos indexados e não indexados da participante A.M 3

<b>Elementos indexados</b> (Quem fez, O quê, Quando, Onde, Por quê?)	<b>Elementos não indexados</b> (Valores, juízos)
A. é graduada em Engenharia de Pesca. Atualmente trabalha como professora e está no último semestre de Ciências Biológicas. É casada e tem dois filhos, J de apenas 1 mês e P. de 5 anos de idade. Seus dois filhos foram planejados junto com seu marido. Só teve conhecimento da lei 6.202/75 na sua segunda gravidez a qual pediu a licença gestante e no momento está cursando o semestre a distância.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sua primeira gravidez foi de risco e como a mobilidade para ir a Universidade era difícil, decidiu trancar e dar prioridade ao trabalho para pagar as contas.</li> <li>- Quando foi possível voltar, se matriculou no período noturno para conciliar trabalho e estudo. Enquanto isso o bebê ficava com sua mãe.</li> <li>- Já a sua segunda gravidez foi mais fácil porque conseguiu a licença gestante, então pôde estudar em casa e cuidar do seu filho recém-nascido</li> </ul>

A.M 3 não sabia que tinha direito a uma licença na sua primeira gravidez, já na segunda gravidez as coisas foram mais fáceis, pois pode ficar integralmente com seu bebê nos primeiros meses de vida.

A seguir a análise formal do texto da participante A.M 3

**Quadro 8** - Análise formal do texto

Textualização da entrevista		
<b>Esquema comunicativo do texto</b>	<i>Esquema comunicativo argumentativo</i>	<u>Esquema comunicativo explicativo</u>
<p><b>A gravidez do P. foi planejada eu entrei na uece como graduada, fui formada na ufc. Entrei em 2015.1. Em 2016 descobri que tava grávida. La para julho, tive que trancar porque eu não sabia da lei. Tranquei porque não tinha mobilidade pra ir pra uece, e trabalhar ao mesmo tempo então tranquei, não fiz esse semestre. No início eu fui acompanhada no HGF por conta do risco e foi um dos fatores que me fez trancar. Eu dei prioridade ao trabalho pra pagar as contas. Foi e ainda é difícil conciliar ser mãe com estudante, mas eu tenho uma rede de apoio muito grande. Tenho meu esposo e minha mãe. Quando eu tava na uece minha mãe ficava com o P. eu ia assistir aula e voltava pra buscar ele e ia pra casa. A maioria das cadeiras eu fiz no período noturno(...). Eu fiquei muito reduzida a quantidade de cadeiras, enquanto uma pessoa fazia 6 disciplinas, eu fazia 2, então demorou muito mais tempo pra eu estar saindo da universidade do que outras pessoas num ritmo normal(...)</b></p>		

Com essa fala, podem-se perceber a importância da rede de apoio na vida de uma mãe. A família vem com esse suporte para que a mãe consiga realizar as mesmas atividades que fazia anteriormente. Urpia e Sampaio (2009) falam da família como o principal suporte emocional, prático e financeiro dessas jovens.

A seguir, a análise da entrevista textualizada da participante A.M 3.

**Quadro 9 – Análise da entrevista textualizada**

<p>(...) porque além das cadeiras ainda tem as coisas de casa, do trabalho levar o P. na natação. Eu ando de carro, meu marido de moto, então a tarde eu fico, não sobrecarregada, mas com essas responsabilidades porque eu tenho a tarde livre justamente pra dar esse suporte pro P. e meu esposo trabalha a tarde(...).</p> <p>(...) dando conta do TCC quando o J. ta dormindo ou então quando meu marido chega pra ficar com ele(...) ontem ele só dormiu meia hora então não deu pra fazer nada aí agora to no computador porque ele já dormiu, minha sogra ta com meu outro filho, então já vou fazendo alguma coisa do tcc ate o sono bater e amanhã é outro dia. A gente tenta se organizar do jeito que consegue aí não deu hoje, deixa pra amanhã (...).</p> <p>Foi uma graduação que eu poderia ter feito melhor? Poderia, até pela questão dos laboratórios, mas o P. e o J. veio, mas não me arrependo.</p>	<div data-bbox="1013 716 1348 869" style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-bottom: 20px;"> <p>Desafios de conciliar maternidade e Universidade</p> </div> <div data-bbox="997 1097 1396 1214" style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> <p>Desempenho acadêmico</p> </div>
--	---

Urpia e Sampaio (2009) destacam o verdadeiro malabarismo que as jovens precisam fazer para conciliar as demandas da maternidade e da academia. Dois universos tão distintos e tão exigentes.

**Comparação contrastiva do texto a partir dos eixos da pesquisa**

O quadro que será apresentado, a seguir, apresentará os núcleos comuns entre as falas das entrevistadas e as particularidades destas.

**Quadro 13 - Semelhanças e singularidades das Entrevistas Narrativas**

Objetivos	Semelhanças/ Núcleo comum	Singularidades
-----------	---------------------------	----------------

1	Questionamentos acerca de seu futuro	Participante A.M 1: a notícia da gravidez veio numa fase muito difícil de sua vida, sentiu raiva e não queria aceitar. Foi um processo demorada e ate hoje é um sentimento que tem que lidar e conciliar. Desde o começo sabia que seria mãe solo e que iria estar nesse lugar de responsabilidade como qualquer mulher, porém ela, muito mais.
2	<p>Relatam a dificuldade de ser mãe e universitária</p> <p>Assumem responsabilidades domésticas, profissionais e acadêmicas</p> <p>Contam com a família e parentes como rede de apoio</p> <p>Inicialmente não conheciam a lei 6.202/75 que atribui a estudante em estado de gravidez, o direito de estudar em caráter de regime domiciliar.</p> <p>Assumem menos disciplinas do que os outros alunos e levam mais tempo para concluir a graduação</p> <p>Assumem uma postura de aceitação de que terão que se adaptar constantemente devido aos acontecimentos e situações inesperadas do cuidado parental</p>	<p>Participante A.M 3: Na sua segunda gravidez já sabendo da lei 6.202/75, deu entrada no pedido de licença maternidade para estudar em casa.</p> <p>Participante A.M 1: O retorno das aulas presenciais foi melhor que a fase de aulas remotas, pois estava sozinha sem rede de apoio e agora sua filha está na creche em período integral.</p>
3	<p>O desempenho não caiu e as notas se mantiveram</p> <p>Tem consciência que precisam ir num ritmo mais lento para conseguir acompanhar e não reprovar.</p>	<p>Participante A.M 1: sua dedicação à Universidade é maior do que antes de ser mãe, pois agora está mais motivada por ter encontrado seu caminho e estar mais madura.</p> <p>Participante A.M 3: Relata que poderia ter se dedicado mais a graduação, principalmente por conta dos laboratórios, mas não se arrepende das suas escolhas.</p>

De início, havia levantado a hipótese de que mulheres que engravidam durante o curso são mais suscetíveis à desistência, entretanto, após os relatos, percebe-se que não falta motivação e vontade de concluir a graduação e que é comum a todas elas o fato de levarem mais tempo para se formar do que aquelas que não têm filhos, visto que, para lidar com a rotina

atual, precisam fazer menos disciplinas por semestre.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se perceber nos quatro relatos as inúmeras dificuldades e crises existenciais que uma mulher que é mãe passa para concluir uma graduação. A carga mental é enorme e injusta. Em cada entrevista, foi possível conectar-se com essas mulheres e se identificar com as situações que foram expostas. Essa pesquisa impactou a autora deste trabalho de forma muito significativa, pois quando as mulheres se juntam e compartilham suas histórias e experiências, fortalecem umas as outras.

Foram identificadas atualmente, no curso de Ciências Biológicas, 5 alunas que são mães. Sobre suas percepções, as alunas relatam ter mais maturidade depois da maternidade e também um senso maior de responsabilidade. São conscientes de que precisam ir num ritmo mais lento para conseguir conciliar o cuidado parental com os estudos. São resilientes e adaptáveis, encaram suas realidades com otimismo e com a máxima de que, se não der certo hoje, amanhã tentam de novo.

Sobre o desempenho acadêmico, as entrevistadas afirmam que, com relação às notas, elas se mantiveram, porém, para isso, precisam fazer menos disciplinas por semestre. Sobre laboratórios, gostariam de se dedicar mais do que conseguem.

É interessante notar que as alunas não sabiam que tinham direito de estudar 3 meses em casa, ressaltando como a população desconhece muitos dos seus direitos.

A partir da experiência desta autora como mãe dentro de uma Universidade, foi possível visualizar a importância de falar sobre como enfrentou tudo isso e também ouvir o relato de outras mulheres que passam pela mesma situação.



## REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL PENSANDO GÊNERO E CIÊNCIA NÚCLEOS E GRUPOS DE PESQUISA, 2006, Brasília. **Anais [...]** Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. Disponível em: 200.130.7.5/spmu/docs/Encontro\_recomendacoes.pdf. Acesso em: 28 nov. 2021.

ANDIFES. Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES – 2018**. Brasília: ANDIFES, 2018. Disponível em: <http://www.andifes.org.br/vpesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes2018/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BITENCOURT, S. M. Maternidade e Universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 41., 2017. Caxambu, MG. **Anais [...]** Caxambu, MG: ANPOCS, 2017. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt13-17/10724-maternidade-e-universidade-desafios-para-a-construcao-de-uma-igualdade-de-genero/file>. Acesso em: 6 jun. 2018.

BRASIL. Câmara dos deputados. Projeto de Lei nº 2350, de 14 de julho de 2015. Dá nova redação à Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, que "Atribui à estudante em estado de gestação] o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências". **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 14 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1579163>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 19 de julho de 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm). Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras Providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 17 de abril de 1975. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/l6202.htm#:~:text=LEI%20No%206.202%2C%20DE,Art](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6202.htm#:~:text=LEI%20No%206.202%2C%20DE,Art). Acesso em: 12 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior**. Brasília: Notas Estatísticas, 2019.

FREIRES, F. A. M.; ARAÚJO, V. R. Empoderamento da mulher durante o ciclo gravídico-puerperal. *In*: FREIRE, Francisca Andréa Martins; ARAÚJO, Valdevane Rocha. Enfermagem na prática e na ciência. **Science**, [S.l.], p. 86-97, 2022.

HOOBS, B. **O feminismo é para todo mundo**. Tradução de Ana Luiza Libâno. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

MOURA, J. F.; NACARATO, A. M. A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professores. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 2, p. 15-30, abr. 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa>. Acesso em: 10 mar. 2021.



RAUPP, M. D. Creches Universitárias Federais: questões, dilemas e perspectivas. **Educação & Sociedade [online]**, Campinas, v. 25, n. 86, p. 197-217, abr. 2004. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SCHUTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, W.; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOUSA, K. M. *et al.* Negras, mães, educadoras na pandemia: constituição de um *corpus* metodológico para desvendar “porteira adentro”. *In*: SILVA, Maria Eliene Magalhães da; COELHO, Raimunda de Fátima Neves. (Org.). **Educação e saúde para igualdade em relatos de experiências e pesquisas na pandemia: foco na educação especial, EJA, indígena, quilombola, básica e superior**. 1. ed. Fortaleza: IMPRECE, 2021. p. 433-448.

STRAPASSON, M. R.; NEDEL, M. N. B. Puerpério imediato: desvendando o significado da maternidade. **Revista Gaúcha de Enfermagem, [S.l.]**, v. 31, p. 521-528, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983-14472010000300016>. Acesso em: 21 nov. 2021.

TABAK, F. **O laboratório de Pandora: estudos sobre a ciência no feminino**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se Mãe no Contexto Acadêmico: dilemas da conciliação maternidade – vida universitária. **Revista Recôncavos, [S.l.]**, v. 3, n. 2, p. 30-43, nov. 2009.

URPIA, A. M. O.; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. *In*: SAMPAIO, S. M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 146-168. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 1 maio 2018.

VERZA, F.; SATTLER M. K.; STREY, M. N. Mãe, mulher e chefe de família: perspectivas de gênero na terapia familiar. **Pensando famílias, [S.l.]**, v. 19, n. 1, p. 46-60, jun. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2015000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 24 jul. 2022.

WYLLYS, Jean. **Vitória das mulheres!** A Câmara acaba de aprovar, por unanimidade, o PL 2350/15, de minha autoria, que garante às estudantes grávidas o direito a continuar seus cursos sem sacrificar a presença e os cuidados desde o 8º mês de gestação até o 6º mês de vida do bebê. 07 de mar. de 2018. Twitter: @jenawyllys\_real. Disponível em: [https://twitter.com/jeanwyllys\\_real/status/971513043669659648?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E971513043669659648%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1\\_c10&ref\\_url=https%3A%2F%2Fpsol50.org.br%2Fcamara-aprova-projeto-de-jean-wyllys-sobre-direito-a-educacao-para-gestantes%2F](https://twitter.com/jeanwyllys_real/status/971513043669659648?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E971513043669659648%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_c10&ref_url=https%3A%2F%2Fpsol50.org.br%2Fcamara-aprova-projeto-de-jean-wyllys-sobre-direito-a-educacao-para-gestantes%2F). Acesso em: 6 dez. 2021.

ZINET, C. **Gravidez é responsável por 18% da evasão escolar entre meninas**. São Paulo: Flacso Brasil, 2016. Disponível em: <http://flacso.org.br/?p=14369>. Acesso em: 12 out. 2021.